

Dívida externa terá a sua renegociação iniciada em dezembro

18 OUT 1985

Brasília — A renegociação da dívida externa brasileira junto aos bancos credores deverá começar, de fato, em dezembro e a proposta básica do staff do Banco Central é discutir separadamente a rolagem do principal da dívida com vencimento de 1985 a 1991 — cerca de 45 bilhões de dólares — transferindo o começo dos pagamentos para 1992. Esta proposta, que disputa com outras a posição final do Governo brasileiro, foi revelada ontem pelo diretor da área externa do Banco Central, Carlos Eduardo de Freitas.

Segundo ele, misturar neste início de renegociação assuntos como reescalonamento do principal, taxas de juros, spread (taxa de risco) e idéias "utópicas", como capitalização dos juros (deixar de pagá-los, por determinado tempo, incorporando-os ao principal da dívida), seria "embolar o meio de campo". Freitas reconhece que áreas do Governo, como o Ministério da Fazenda, querem acoplar à renegociação do principal alguns desses fatores e até new money (recursos novos) — neste caso, mesmo que para negar sua necessidade.

DINHEIRO NOVO

O diretor da área externa do Banco Central, que acompanhou o Ministro da Fazenda, Dilson Funaro, à reunião do

Fundo Monetário International, em Seul, Coréia, acredita — como os demais técnicos e autoridades do Banco Central — que a negociação tem que se desenrolar em, pelo menos, duas etapas. Na primeira, deve-se procurar aliviar o País do "pique" de amortizações (reduções no principal da dívida), previstas para os próximos seis anos — cerca de 45 bilhões de dólares.

A idéia, segundo ele, é que deste ano até 1992 não se pagaria qualquer parcela referente à amortização, dando chance ao País de manter suas reservas internacionais — hoje acima de 8 bilhões de dólares — e criando folga para novos investimentos internos, que garantam substância ao processo de retomada do crescimento econômico. Ao longo deste período, os juros, segundo ele, continuariam vencendo normalmente, à proporção atual, de 12 bilhões de dólares por ano.

— Se chegássemos a um momento no qual não nos fosse mais possível manter o pagamento dos juros na mesma proporção, simplesmente fecharíamos a torneira — revelou o diretor do BC. Fechar a torneira, segundo ele, significaria chamar os bancos credores à mesa de negociação e dizer: não podemos mais pagar esta conta. Aí, seria iniciada uma segunda etapa de negociações.